

TERRITÓRIO VILA MILITAR DO RIO DE JANEIRO: COTIDIANO E HISTORICIDADE SOB A PERSPECTIVA DAS ESPOSAS DE OFICIAIS

TERRITORY VILA MILITAR DO RIO DE JANEIRO: DAILY LIFE AND HISTORY ON THE POINT OF VIEW OF MILITARY WIVES

TERRITORIO VILLA MILITAR DE RÍO DE JANEIRO: COTIDIANO E HISTORICIDAD BAJO LA PERSPECTIVA DE LAS ESPOSAS DE OFICIALES

WERUSCA MARQUES VIROTE DE SOUSA PINTO¹
REGINA GLÓRIA NUNES ANDRADE²

RESUMO

O artigo busca resgatar aspectos da história e do cotidiano da Vila Militar. Um bairro do subúrbio carioca, que abriga militares e suas famílias. Um espaço projetado para o aquartelamento de tropas, que vivencia, constantemente, as dinâmicas urbanas, sendo transformado e afetado pelas decisões e necessidades sociais do país. O texto aborda os conceitos de território e territorialidades para assim tratar os aspectos simbólicos e sociais que envolvem as relações e a ocupação desse espaço pelas famílias de militares. A discussão foi encadeada buscando articular conceitos e aspectos presentes nas narrativas das esposas de militares para descrever o cotidiano desse território.

Palavras-chave: Vila Militar. Território. Cotidiano.

ABSTRACT

This article seeks to rescue aspects of the history and daily life of the Military Village, a neighborhood of Rio de Janeiro suburb that houses military and their families. A space designed for the quartering of troops who constantly experience the urban dynamics being transformed by the decisions and social needs of the country. The text deals with the concepts of territory and territoriality to discuss the symbolic and social aspects involving the relations and the occupation of that space for military families. The discussion seeks to articulate concepts and aspects present in the narratives of military spouses to describe the daily life of the territory.

Keywords: Military village. Territory. Daily life.

RESUMEN

El artículo busca rescatar aspectos de la historia y del cotidiano de la Villa Militar. Un barrio del suburbio carioca, que abriga militares y sus familias. Un espacio proyectado para el acuartelamiento de tropas, que experimenta, constantemente, las dinámicas urbanas, siendo transformado y afectado por las decisiones y necesidades sociales del país. El texto aborda los conceptos de territorio y territorialidades para así tratar los aspectos simbólicos y sociales que comprenden las relaciones y la ocupación de este espacio por las familias de militares. La discusión se concatenó articulando conceptos y aspectos presentes en las narraciones de las esposas de militares para describir el cotidiano de este territorio.

Palabras clave: Villa Militar. Territorio. Cotidiano.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro - RJ, Brasil

E-mail: <weruscavirote@hotmail.com>

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro - RJ, Brasil

E-mail: <reginagna@terra.com.br>

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Professora da Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

I INTRODUÇÃO

Este artigo é parte integrante da tese de doutoramento, que está sendo produzida pela pesquisadora, dentro do programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. A coleta de dados teve início no ano de 2014 e está em curso. Trata-se de uma investigação sobre cultura e modos de subjetivação contemporâneos. O principal objetivo da tese é descrever como se dá a construção da subjetividade das esposas de oficiais, residentes na Vila Militar de Deodoro, e a influência da cultura militar nesse processo.

O espaço delimitado foi a Vila Militar de Deodoro, pois ao sair da AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras) o militar é deslocado para diversos pontos do território nacional, com a certeza de que, pelo menos uma vez durante toda a carreira, irá morar na Vila Militar, pois todo oficial combatente passa pelo curso de Aperfeiçoamento de Oficiais na EsAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais). Dessa maneira, esse é um território repleto de representações, símbolos e histórias, que permitem aos moradores e todas as pessoas que frequentam a vila militar a convivência e a familiarização com os elementos dessa cultura. Embora o número de alunos da EsAO componha grande parcela da população da Vila Militar, existem outras unidades militares que integram esse território e que juntas formam a configuração desse espaço.

Estudar a Vila Militar, sob a ótica das esposas de oficiais do Exército Brasileiro, é uma forma de pensar o espaço social como um lugar de compartilhamento de fazeres e práticas cotidianas influenciadas pela cultura institucional do Exército e praticadas por agentes sociais que não estão diretamente vinculados à instituição. Nesse contexto, pretende-se apresentar aqui alguns resultados preliminares da pesquisa qualitativa que está sendo desenvolvida, discutindo elementos conceituais sobre território, territorialidade e algumas análises realizadas, até o presente momento, sobre uma das categorias presentes no discurso das mulheres analisadas: a Vila Militar.

2 O MÉTODO

A amostra desse estudo é composta por mulheres³, casadas com militares, moradoras da Vila Militar de Deodoro, que não tenham estudado em colégios militares e não sejam filhas de militares, pois busca-se verificar a internalização dos elementos da cultura do Exército Brasileiro no discurso dessas mulheres.

Foi solicitado para as mulheres entrevistadas que falassem livremente sobre as mudanças que ocorreram

em suas vidas desde que se casaram. Em uma entrevista não estruturada, permitindo que a entrevistada pudesse fazer seu relato de história de vida oral, a pesquisadora, foi direcionando as falas, fazendo algumas perguntas para elucidar os elementos que não ficavam claros e temporizando a história. Cada narração autobiográfica conta uma prática humana, os relatos individuais possibilitam que o pesquisador entre em contato com as referências do sujeito e o método dá liberdade aos entrevistados para tematizar, a seu modo, suas vivências, num movimento de construção de suas histórias e de seu grupo (BRIOCHI; TRIGO, 1989). Esse método permite também ir além dos aspectos individuais, possibilitando visualizar as nuances socioculturais, trazer informações sobre o universo em que vivem os sujeitos, o que fazem e como se constroem suas subjetividades nesse contexto. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e a partir dos discursos dessas mulheres foram definidas categorias de análises.

Para a análise dos dados está sendo utilizado o método de análise do discurso para decompor e compreender as falas das mulheres estudadas. Nessa proposta, a linguagem se apresenta como forma de materializar a história, a ideologia e a organização social a que o sujeito está associado. Trata-se de uma análise localizada no tempo e no espaço, sem o objetivo de generalizar, pois nessa perspectiva não há análise total, o que se propõem é interpretar os enunciados e as ideologias que estão por trás do que está sendo dito.

Assim, no contexto da tese de doutorado, a Vila Militar aparece como espaço delimitado para a pesquisa e, ao mesmo tempo, uma das categorias presentes no discurso das mulheres entrevistadas.

O presente artigo tem como objetivo conhecer o território real e simbólico em que as esposas de militares e suas famílias estão inseridas, bem como descrever o cotidiano, a rotina e as peculiaridades desse espaço. Para compreender melhor quem são os atores que ocupam esse lugar, busca-se desenvolver uma “sociologia urbana do bairro” com alguns dados relativos à arquitetura, a administração do espaço, fluxos de deslocamento somados aos aspectos do cotidiano. Conforme elucida Certeau:

O método escolhido consiste em unir essas duas vertentes de uma mesma abordagem com vista a estabelecer um sistema de controle que permita evitar a discursividade indefinida: trabalhar a matéria objetiva do bairro (imposições externas, disposições etc.) apenas até o ponto onde ele é a terra eleita de uma encenação da vida cotidiana (CERTEAU, 2013, p. 38).

Ademais, são apresentados alguns aspectos da história da vila militar de Deodoro, desde a sua construção até os dias atuais, pois nesse espaço convivem construções do início do século com modernas instalações, que juntas compõem um território repleto de história, que remonta

³ Foram entrevistadas esposas de oficiais que servem em Unidades Militares presentes na Vila Militar. Sendo oito esposas de Capitães, cinco de Majores, três de Tenentes-Coronéis e duas de Coronéis. Destaca-se que a coleta de dados ainda está em andamento e que este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa em andamento.

a construção do bairro e a influência desse espaço na urbanização do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

Pouco se tem produzido sobre a história e o cotidiano desse espaço. Assim, o caminho metodológico escolhido foi buscar as representações coletivas do território presentes nas narrativas das mulheres entrevistadas e, também, em alguns trabalhos científicos, os quais pesquisaram, no campo da antropologia e da história, espaços militares adjacentes ao que hoje é conhecido como Vila Militar.

O termo Vila Militar designa de forma genérica o conjunto de moradias destinadas aos militares, composto por Próprios Nacionais Residenciais (PNRs). A Vila Militar que fica próxima a Deodoro é um bairro projetado para o aquartelamento de tropas e moradia de militares. Nos registros da cidade do Rio de Janeiro, o bairro é denominado Vila Militar. Porém, entre os militares e suas famílias, e aqui neste estudo, será tratado como Vila Militar de Deodoro, ou ainda Vila Militar do Rio de Janeiro, pois essa é a forma como esse território se distingue das demais vilas militares da capital fluminense e das demais vilas militares presentes em outras cidades do Brasil.

3 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

Segundo o dicionário de geografia: “O território diz respeito à projeção sobre um espaço determinado de estruturas específicas de um grupo humano, que inclui a maneira de repartição e gestão do ordenamento desse espaço” (CLAVAL, 1999, p. 9).

Assim, o termo território possui diversos sentidos. Entre eles pode ser visto como espaço destinado a uma nação, um Estado, delimitado por fronteiras — muitas vezes demarcadas por rios e elevações — e, nesse sentido, território “resulta da apropriação coletiva do espaço por um grupo” (CLAVAL, 1999, p.8). Essa é uma concepção da geografia política, e nessa perspectiva a ideia de território está ligada ao controle e à soberania desse Estado, não permitindo que essas fronteiras sejam violadas.

A dimensão simbólica de território refere-se ao espaço vivo. Os estudos dessa dimensão nas décadas de 1970 e 1980 buscavam analisar a personalidade das construções geográficas. Nesse período, inicia-se uma preocupação com o enraizamento dos laços afetivos e morais que os grupos possuíam com o solo onde nasceram. Estudos observaram a dificuldade que indígenas, por exemplo, possuíam em se definir sem referência ao espaço que pertenciam. Ou seja, o autor conclui que “os grupos só existem pelos territórios com os quais se identificam” (CLAVAL, 1999).

O autor sugere que os laços simbólicos que unem os grupos aos territórios parecem universais. Ele traz algumas expressões que marcam essa afirmação: “luta-se pela pátria, pela terra do pai, (...) ou pela mãe-pátria” (CLAVAL, 1999, p. 10).

Alguns lugares, em especial, possuem uma carga simbólica maior:

São lugares de memória: seu valor simbólico é mais ou menos nobre, local, nacional, internacional, mundial, ou próprio de uma religião, à uma cultura; eles são frequentemente fontes de identidade coletiva e também de atividades econômicas (CLAVAL, 1999, p. 15).

Falar em território ao invés de espaço é marcar a presença humana. O papel da ação e do discurso é perceber que as relações não são meramente materiais e projetam reflexos das imagens que partilham, sendo promotores de referências simbólicas (CLAVAL, 1999).

Essa dupla conotação simbólica e material acena para dois aspectos: etimologicamente, a dominação da terra, e em um sentido mais amplo, a apropriação, o privilégio de usufruir do território. Ambos os significados carregam a acepção de poder. Sendo que, a apropriação possui um valor simbólico maior, carregado de vivências, do valor de uso, um vínculo construído durante um período de tempo, um processo subjetivo e cultural. Nessa segunda visão de território, o “espaço-tempo-vivido” é sempre múltiplo e socialmente construído (HAESBAERT, 2005).

Os territórios são funcionais e simbólicos, pois o domínio sobre o espaço é exercido tanto para se realizar funções como para produzir significados. O autor distingue didaticamente esses dois tipos de características territoriais, pois na realidade elas não se apresentam “puras” e em realidades distintas. A fim de compreendê-las, o autor criou um *continuum* entre funcionalidade e simbolismo. Para ele, no território funcional estão presentes elementos de dominação. São territórios marcados por desigualdades, regidos pelo princípio da exclusividade, unifuncionalidade, com valor de troca e destinado à produção e ao lucro. Já no polo do território simbólico, percebem-se os processos de apropriação. Marcados pela diferença, surgem múltiplas identidades, com valor simbólico de lar e segurança afetiva. Trata-se de uma distinção dicotômica, porém é preciso considerar a historicidade e o contexto geográfico do território. Hoje, nas sociedades pós-modernas, prevalece o interesse pela mobilidade, pelas redes e conexões que figuram como elementos muito valorizados quando se trata da construção da terra e da apropriação do território (HAESBAERT, 2005).

Território e territorialidade são dois conceitos próximos. Território possui uma denotação espacial, física e uma conotação simbólica, temporal. Territorialidade apresenta uma significação mais cultural que física. Os dois conceitos se unem para explicar uma percepção de poder exercido pelo indivíduo ou grupo no espaço: “A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento de territorialidade” (ANDRADE, 1993, p. 214).

Nesse sentido, Haesbaert (2005) acrescenta

que territorialidade está intimamente relacionada ao modo de utilização da terra, ou seja, como as pessoas se organizam no espaço e vão dando significado ao lugar. Trata-se de um conceito que engloba três dimensões: a econômica, a política e a cultural. Indo além das relações de poder político “envolve os simbolismos dos diferentes grupos sociais e, ao mesmo tempo, a dinâmica econômica centrada em seus agentes sociais. Materialidade e imaterialidade conjugam-se na(s) territorialidade(s) e no(s) território(s) (HAESBAERT, 2005, p. 138).

Os estudos sobre territórios e territorialidades não podem se ater somente ao espaço, pois a cultura promove processos de subjetivação amplos e variados que necessitam de análises que vão além do lugar definido pelas fronteiras anatômicas. Ou seja, é necessário atentar-se para as redes e itinerários que apontam para o conjunto de lugares hierárquicos que vão se estruturando e contribuindo para a regulação das interações sociais.

Desse modo, as famílias de militares deslocadas pelos diversos estados do Brasil passam por constantes desterritorializações. Esse processo permite que convivam ao mesmo tempo com costumes, religiões e culturas diversos; essa é a semente das territorialidades, como possibilidade de sobrevivência. Os indivíduos agrupam-se no território geograficamente mutável: as vilas militares; e buscam, na família militar, possibilidades de identificação e conexão com lugares e itinerários atinentes a essa cultura. Isto é, a vila militar, bairro que carrega consigo as propriedades de um lugar de reconhecimento, mesmo não sendo um espaço de referência que atesta suas origens, registra na vida do sujeito uma marca de pertença.

O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um engajamento social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição (CERTEAU, 2013, p. 39).

4 A VILA MILITAR E SUA INSERÇÃO NO SUBÚRBIO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A pesquisa se dá nesse espaço geográfico delimitado: a maior vila militar do Exército Brasileiro, em que todo oficial combatente vai morar pelo menos uma vez em sua carreira. A vila militar não é tão somente um espaço de moradia e trabalho e sim um espaço de lazer e de sociabilidade da cidade do Rio de Janeiro. É o terceiro maior espaço destinado ao lazer da cidade, que civis e militares utilizam para fazer caminhadas, praticar esportes e conviver, pois, há ali uma extensão de 2,5 mil metros reservada para este fim. São por volta de 1.800 moradias, destinadas a oficiais, sargentos e cabos, possuindo uma média de 6.000 moradores. Não é somente um aglomerado habitacional, mas um espaço de identidade, um território repleto de crenças e valores, formas

simbólicas específicas que cumprem uma função na vida dos indivíduos que ali habitam, trabalham ou frequentam.

Esse espaço possui hoje a maior concentração de militares da América Latina, sendo a maior vila militar do Brasil. Embora seja um espaço urbano, inserido em uma capital, os sujeitos vivem uma vida singular, diferente de qualquer outra vila militar do país e, principalmente, diferente dos condomínios fechados que estão presentes na arquitetura urbana das capitais.

Outros apontamentos sobre a história da construção da Vila Militar de Deodoro podem ser encontrados na dissertação de mestrado de Viana (2002). A dissertação versa sobre a Escola Militar do Realengo e o legado desta para o patrimônio urbano da cidade e principalmente do subúrbio do Rio de Janeiro. Assim, não se trata de uma descrição da história da Vila Militar, mas é uma importante fonte para resgatar o tempo histórico, as motivações e as contribuições da chegada dos militares à zona Oeste do Rio de Janeiro.

A proposta de se construir um espaço com um grande aglomerado de quartéis surgiu em 1870, como forma de solucionar problemas logísticos enfrentados pelo Exército Brasileiro na guerra da Tríplice Aliança. Faltava ao Exército Brasileiro local adequado ao aquartelamento e ao treinamento da tropa, organização das Unidades Militares e possibilidade de treinamento integrado (MAGALHÃES, 1998).

A cidade do Rio de Janeiro, na época capital federal, não dispunha de espaço que possibilitasse a resolução desses problemas; mais ainda: os locais de treinamento ofereciam riscos de acidentes à população.

Mesmo com o advento da República, os problemas permaneceram e, em 1898, o Ministro da Guerra, João Nepomuceno de Medeiros Mallet, apontou em seu relatório anual necessidades de melhorias nas instalações de quartéis e hospitais. Nesse período, iniciou-se uma busca por locais adequados às novas instalações. Em 1901, como as obras ainda não haviam sido iniciadas, o General Mallet, novamente sinalizou, no relatório anual, as vantagens que poderiam ser obtidas com a concentração dos quartéis e mencionou os episódios da Guerra do Paraguai e de Canudos para enfatizar a necessidade de uma reestruturação logística (MAGALHÃES, 1998).

Em 1904, um movimento popular promovido por intelectuais contra a vacinação obrigatória foi o estopim do início de um golpe militar para derrubar o presidente Rodrigues Alves. A tropa de rebeldes da Escola Militar do Brasil, situada na Praia Vermelha, foi em direção ao palácio do governo, porém foi impedida de prosseguir. Esse episódio foi a motivação decisiva para iniciar as mudanças de modernização do Exército. As principais mudanças foram no ensino militar, a fim de tornar os militares mais operacionais e, assim, mais preparados para atividades de combate (MAGALHÃES, 1998).

Quando assumiu o Ministério da Guerra, em 1906, o Marechal Hermes da Fonseca procurou dar continuidade às ações dos seus antecessores, buscando

construir novos quartéis e enfatizando a necessidade de criação de espaços adequados para o desenvolvimento das atividades militares.

A criação da Escola Geral de Tiro do Campo Grande, na segunda metade do século XIX, marcou o início da ocupação dos militares na zona oeste do Rio de Janeiro. Em 1905, a Escola Militar, que funcionava na Praia Vermelha, foi deslocada parcialmente para o Realengo e de 1913 a 1944 funcionou nesse espaço. Embora tenham sido construídas novas instalações e reformadas antigas, os militares reclamavam muito da inadequação do espaço e da precariedade do entorno. Ao redor da escola foram construídos outros quartéis e moradias para os oficiais, além de depósitos e áreas de esporte (VIANA, 2002).

O bairro do Realengo teve suas atividades econômicas impulsionadas pela escola e pela fábrica de munições. O comércio pautava-se nas necessidades dos alunos militares. Embora, na visão dos alunos, o bairro não atendesse às necessidades, sob a ótica urbanística, social e cultural a escola foi fundamental para o desenvolvimento da região (VIANA, 2002).

A região se tornou um espaço propício para o aquartelamento em virtude das características geográficas do terreno, do espaço e da possibilidade de instalar toda a infraestrutura necessária para abrigar os militares e suas famílias.

Diante da necessidade de manter os militares longe do centro político e atendendo a todas as necessidades descritas pelos Generais que o precederam, o Marechal Hermes, editou ordens que descreviam como deveria ser o local para abrigar as novas concentrações de militares. Nelas, estava descrito como deveriam ser esses espaços e a estrutura geográfica, um lugar que favorecesse o treinamento e o aquartelamento das tropas. Preferencialmente, esse local deveria ser terra pública de propriedade da União. O espaço que atendia todas as exigências contidas no documento era as fazendas Sapopemba e Gericinó.

Assim, na ordem do dia do Estado Maior do Exército de número 52, aos 25 dias do mês de setembro de 1907, foi publicada a ordem de construção da Vila Militar. A Construção foi projetada para ser um bairro militar, com escolas, jardins, praças e toda a infra-estrutura para atender aos militares e suas famílias (MAGALHÃES, 1998).

As fazendas hoje correspondem a toda a área em que ficam os quartéis, as vilas residenciais, toda a parte de serviços, a Avenida Duque de Caxias, a estação de trens Vila Militar, o Círculo Militar de Oficiais e o Clube dos Sargentos. A fazenda Gericinó possui uma parte adjacente aos espaços citados, porém é cortada pela Avenida Brasil.

A grande parte dos PNRs que estão nas vilas residenciais servem para atender às necessidades da EsAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais), alunos e instrutores. Nessa escola, estudam capitães que estão em processo de aperfeiçoamento na doutrina e em manobras militares.

O curso da EsAO tem duração de dois anos, sendo o segundo presencial, e conta em média com 320 alunos. Todos os anos esse número de famílias passa pela Vila Militar e depois parte, cada uma com um destino diferente, para que o militar sirva em alguma localidade do Brasil, podendo um dia retornar a morar na Vila Militar, caso o militar venha servir em outro batalhão, desde que tenha PNR disponível para a Organização Militar em que está servindo.

A última construção de residências foi concluída em 2011, a Vila Verde, onde hoje residem os alunos da EsAO e alguns alunos da ECEME (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército). Atualmente, estão sendo construídos mais 72 apartamentos em três blocos a fim de alojar os adestradores de cavalo para as Olimpíadas de 2016. Esses prédios estão sendo construídos pelo Exército e estão localizados dentro da Vila Militar, entre a Igreja São José e a Vila Residencial denominada PNR II, residências destinadas a sargentos.

A Vila Militar figura como um dos principais palcos para os grandes eventos mundiais esportivos. Desde os Jogos Panamericanos, em 2007, passando pelos Jogos Mundiais Militares, em 2011. Hoje, a Vila Militar está sendo preparada para as Olimpíadas de 2016, transformada e mais uma vez adaptada para compor a cidade do Rio de Janeiro, sediando eventos esportivos internacionais. Assim, a Transolímpica está sendo construída para ser o elo de ligação entre a Vila Militar e a Barra da Tijuca, pois ambos serão os dois maiores centros de atividades das Olimpíadas de 2016.

A Vila Militar caracteriza muitos mundos em um só lugar. Várias épocas históricas estão marcadas na arquitetura dessas construções, são casas construídas na década de 1920, prédios dos anos 2000 e modernas construções edificadas hoje para atender as demandas da cidade em transformação. “O desenho das ruas e das casas, das praças, além de conter a experiência daqueles que os construíram denota o seu mundo” (ROLNIK, 2004, p. 82).

As cidades são marcadas por fronteiras invisíveis que delimitam o lugar de cada indivíduo. Esse lugar ocupado pelos sujeitos nas cidades está relacionado ao lugar social que cada indivíduo ocupa. A Vila Militar é um bairro, com circulação livre para civis e militares. Todavia, a área residencial possui características de um condomínio fechado, embora diferente dos condomínios comercializados, que atendem a lógica capitalista que rege a ocupação urbana na contemporaneidade. A vila militar é um lugar segregado, mas por razões diferentes dos condomínios contemporâneos. Trata-se de uma segregação associada ao trabalho do militar e ao *ethos* nômade dessa população.

O espaço privado está organizado refletindo uma arquitetura de isolamento, um estilo de vida. Porém, sua ocupação se dá pela necessidade de um espaço em uma nova cidade e não pelos ícones de *status* que esse espaço pode proporcionar. Morar na Vila Militar

possui um *status* específico dentro da Zona Oeste, pelo olhar da população circunvizinha, mas dentro do contexto militar possui um outro *status*. São três as vilas residenciais de oficiais. A Vila Verde — composta por prédios novos, cuja construção foi realizada em 2011 — é considerada pelo público pesquisado como a moradia mais valorizada; enquanto que os apartamentos do PNR I foram construídos na década de 1940 e as casas — que geralmente são ocupadas por comandantes e oficiais superiores — foram as primeiras construções da Vila, mas a maioria foi reformada mantendo a originalidade da arquitetura da época. Assim, o local de moradia depende da função que o militar ocupa e da Unidade Militar em que está servindo.

Embora não tenha uma aquisição ou uma escolha, a Vila Militar reuni aspectos muito valorizados na atualidade tais como: localização próxima ao trabalho, segurança, lazer, espaço destinado para esportes, salão de beleza, academia, escolas, igrejas e serviços.

A vila militar é um espaço marcado por uma ideologia profissional, o modo de ser militar que se traduz nos valores e cultura desses profissionais. Dentro das vilas residenciais convivem pessoas oriundas de diferentes culturas e submetidas às mesmas regras de conduta. São regulamentos, normas, portarias, boletins que descrevem como deve ser a rotina da vila e que, em alguns casos, informam sobre assuntos diversos atinentes aos moradores.

As vilas militares são espaços destinados às moradias dos militares e suas famílias. Elas são compostas por casas ou prédios designados por patentes. Existem casas funcionais, que possuem uma destinação específica para aquele militar que está ocupando determinada função. Nesses espaços, as pessoas compartilham suas vidas de um modo peculiar; os vizinhos constituem uma rede de relacionamento e apoio mútuo. Os atores sociais que vivem nesse território partilham um estilo de vida permeado pela cultura militar e pela diversidade cultural brasileira.

5 COTIDIANO DA VILA MILITAR DO RIO DE JANEIRO E ASSOCIABILIDADES PRESENTES NO TERRITÓRIO

Para entender melhor as relações das mulheres que moram na Vila Militar e o cotidiano em que elas estão inseridas, buscar-se-ão as reflexões de Michel de Certeau, pesquisador em ciências humanas e autor da obra *Invenção do Cotidiano*, originalmente publicada em 1994. Ele deixou grandes contribuições para a análise sociológica e a compreensão das práticas cotidianas que denominou como “artes do fazer”.

O autor centrou seus estudos principalmente nas áreas de antropologia, linguística e psicanálise. Mesmo com uma gama de diferentes objetos de pesquisa, a grande questão que perpassa seus estudos seria: “como pensar

o estranho com o qual muitas vezes nos deparamos na vida coletiva, mas que também nos habita?” (SOUSA FILHO, 2002, p. 2). Ele propôs análises para demonstrar que as palavras e atos humanos compõem cenários que produzem significados compreensíveis para quem se dispõe a observá-los. Certeau teorizava sobre o homem comum e o seu fazer, suas apropriações e ressignificações. Ele afirma que no consumo dos bens materiais e culturais, as apropriações são imprevisíveis. Ou seja, não há uma uniformização na forma de consumir bens materiais e culturais. Dessa forma, o olhar deve voltar-se não para os produtos culturais e sim para as práticas e os usos de bens diversos, voltar-se para as criações anônimas. Ele discorre sobre as estratégias e as táticas praticadas pelos atores sociais no cotidiano para enfrentar as imposições sociais, morais e religiosas (SOUSA FILHO, 2002).

Pesquisar o cotidiano, nessa perspectiva, é indagar sobre o dia-a-dia, sobre a rotina que compõe os acontecimentos diários da vida e os significados que as pessoas vão construindo nos hábitos, nos rituais, no interior de suas casas (CERTEAU, 2012).

A lógica do cotidiano pensada sob a ótica de Michel de Certeau é a prática, “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia” (CERTEAU, 2013, p. 31). Captando a linguagem ordinária, com o compromisso em narrar as práticas comuns, Certeau analisa e produz uma inversão na forma de interpretar as práticas culturais contemporâneas (dos produtos recebidos para a criação anônima). Essa análise abre a possibilidade de cada anônimo trilhar seu próprio caminho, entre o que está imposto e a busca do melhor modo possível de viver. Ou seja, deve haver uma “(re) apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um” (CERTEAU, 2013, p. 31). No percurso que Certeau propõe, devem ser consideradas as diferenças onde em um primeiro momento só podem ser vistos uniformização e conformismo. Devem ser percebidos os movimentos “astuciosos” das práticas e suas maneiras de utilizar os produtos impostos por um lugar de poder.

A presença e a circulação de uma representação, ensinada como o código da promoção socioeconômica (por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indica, de modo algum, o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram (CERTEAU, 2013, p. 41).

A vila militar é um espaço marcado pela hierarquia. As casas muitas vezes são funcionais. O poder, a normatização está tão presente quanto as possibilidades de singularização dos usos do espaço. As invenções cotidianas das mulheres, esposas de militares, e suas famílias que habitam esse território produzem uma “cultura”, uma forma de viver. Dessa forma, pelo uso da linguagem, pelas performances, os indivíduos constroem o cotidiano, evidenciado pelas práticas e fazeres.

Esse espaço, diferentemente de outras vilas militares, é cercado de batalhões. Então, faz-se necessário

mencionar que o cotidiano que será retratado aqui é da vila residencial, onde residem em média 1.000 famílias de oficiais, que trabalham nos 12 batalhões que compõem esse território.

No discurso das mulheres, o cotidiano é descrito ressaltando os elementos da cultura institucional do Exército Brasileiro. Elas relatam que a Vila Militar acorda todos os dias com os toques de alvorada e com o hasteamento da bandeira do Brasil, nos Batalhões que estão ali inseridos. Na rotina desse território, está o Treinamento Físico Militar (TFM). Nele, as corridas matutinas — que ocorrem diariamente na Avenida Duque de Caxias — são embaladas pelas canções militares, cujos sons fazem parte dos acontecimentos que marcam esse lugar. Os militares realizam seus treinamentos de tiro, de educação física e preenchem o dia dos moradores da vila residencial com sons que marcam os momentos do dia dessa população. Segundo as mulheres entrevistadas, às sete horas há o toque que marca o início do expediente e, ao final do dia, o toque que marca o final do expediente. Não é um sinal como os das fábricas; é uma corneta, cujo som específico é reconhecido até pelas crianças que habitam esse espaço. Um fato que exemplifica a vivência integrada entre quartéis e residências foi relatado por umas das mulheres entrevistadas que afirmou que todas as sextas-feiras a Brigada Paraquedista realiza um evento de recepção ao General comandante. Os militares se reúnem e em uníssono bradam: “Bom dia, Senhor General”. Ela relatou que seu filho vai para a janela e repete junto com os militares o brado que os acorda todas às sextas-feiras.

Outro aspecto que aparece nas entrevistas são as formaturas, eventos em que os militares se reúnem em um pátio da unidade para celebrar algum evento comemorativo. Nesses momentos, a rotina da vila é alterada. A PE (Polícia do Exército) realiza balizamentos e altera o trânsito. Não só os moradores das vilas residenciais são afetados, mas todo o entorno. Além disso, todos os dias, no final do expediente militar, a PE é responsável por fazer o balizamento das vias públicas que cortam a vila militar. A PE faz também a segurança da Vila Militar e do entorno com pontos de checagem de trânsito e com a circulação de veículos nas áreas sob jurisdição militar.

Dentro da vila, além dos quartéis e das residências, funcionam estabelecimentos comerciais, tais como padarias, bancos e farmácias, que servem aos militares, seus familiares e ao entorno. A vila possui duas Igrejas Católicas e uma Igreja Evangélica, ambas sob a responsabilidade de capelães militares, padre e pastor que fizeram concurso público e fazem parte da estrutura organizacional do Exército. Eles se reportam hierarquicamente à 1ª Divisão de Exército (DE)⁴. Pode-se

4 1ª Divisão de Exército, conhecida como Divisão Mascarenhas de Moraes, subordinada ao Comando Militar do Leste do Exército Brasileiro. Sob o comando do General João Batista Mascarenhas de Moraes, a 1ª Divisão de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira foi, em 9 de agosto de 1943, para a 2ª Guerra Mundial. Atualmente, a 1ª DE possui 20 mil militares sendo a maior guarnição militar da América Latina.

encontrar dentro desse espaço diversos lugares destinados à preservação do patrimônio cultural do Exército, embora nem todos possam ser denominados museus, por não haver um rigor com relação aos acervos. O Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB)⁵, por exemplo, possui um Espaço Cultural aberto ao público que não consta no roteiro turístico da cidade do Rio de Janeiro, mas que ajuda a contar a história e remonta o patrimônio imaterial da cidade.

Os bairros comerciais mais frequentados pelos moradores da Vila Militar, são a Vila Valqueire e Marechal Hermes, pela proximidade e porque as mulheres relatam se sentirem mais seguras nesses lugares. São também opções de lazer e compras para essa população os shoppings no bairro Jardim Sulacap e no bairro de Bangu.

A Avenida Duque de Caxias corta a Vila Militar na direção leste - oeste. Parte dela é destinada a caminhadas e práticas desportivas que a população da vila, os militares e o entorno usufruem no dia-a-dia. Nos espaços de convivência, nas churrasqueiras e nos salões de festas acontecem os eventos — feiras de artesanatos promovidas pelas esposas dos militares, churrascos comemorativos e encontros de final de semana. Uns dos elementos que marcam fortemente o cotidiano desse público são os diversos encontros. As mulheres entrevistadas relatam que por não possuírem família na localidade, a opção de lazer mais barata e com segurança, na qual encontra-se pessoas com algum tipo de laço social, são os churrascos e festas.

Na EsAO, os alunos são, em geral, oriundos da mesma turma da AMAN. Sendo assim, eles se conheceram quando jovens, passaram cinco anos juntos, estudando e se tornando militares e, após a formatura, foram cada um para um lugar diferente do país. Separados por suas escolhas, tanto de localidade quanto das armas (especialidade: Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Comunicações, Material Bélico e Intendência), se reencontram no Rio de Janeiro, como está previsto nos regulamentos e normas da carreira do oficial do Exército Brasileiro: realizar durante dois anos, sendo um presencial e outro a distância, o aperfeiçoamento de oficiais. Assim, essa vivência nesse território é muito maior que aperfeiçoar-se enquanto oficial. Há um reencontro, em um outro momento da vida. Esses militares, agora capitães, aproveitam esse tempo de estudo e reencontro para rever companheiros com quem talvez só servirão juntos nesse espaço.

A categoria antropológica “família militar” só existe na vila militar. Sem esse espaço geográfico, o espaço simbólico não se constituiria, pois quem mora fora da vila não vivencia os apoios dos vizinhos, os grupos de estudos e todo o aparato simbólico que envolve essa realidade.

Esse modo de viver e ocupar o território é específico da Vila Militar do Rio de Janeiro. Em outras vilas militares do país pode haver semelhanças, mas pelo fato do espaço em questão tratar-se de um ambiente urbano e

5 Espaço Cultural Sérgio Vieira de Mello, CCOPAB. O espaço possui exposição permanente dedicada ao Marechal Rondon, denominada Rondon, o Marechal da paz.

com uma aglomeração grande de militares, a maneira de viver é peculiar.

Os dois conjuntos residenciais que são destinados às moradias de militares oficiais do Exército — e que são o escopo da pesquisa — são o PNR I e a Vila Verde. O PNR I compreende as casas e apartamentos mais antigos, adjacentes à avenida Duque de Caxias. Entre a Vila Verde e o PNR I ficam a Brigada Paraquedista e seus respectivos batalhões. A Vila Verde é rodeada de Unidades Militares operacionais e localiza-se em frente ao muro do Campo dos Afonsos. Assim, muitos aspectos da rotina e do cotidiano desses espaços são influenciados por essa localização. As mulheres que residem nas vilas residenciais, principalmente as esposas dos alunos da EsAO que moram somente um ano no Rio de Janeiro, procuram exercer alguma atividade profissional dentro da própria vila. Hoje, muitas mulheres fornecem serviços e produtos associados à estética, itens relacionados à festas, artesanatos e comidas. Não existe nenhum estabelecimento comercial próximo à Vila Verde; vários fornecedores de itens alimentícios prontos entram na Vila em um horário pré-determinado, sinalizando que estão ali para vender seus produtos.

Nos fins de semana, as fardas não estão tão presentes e a rotina da Vila Militar se assemelha a de um bairro comum. Os moradores, que em sua maioria não são cariocas, segundo as mulheres entrevistadas, aproveitam esse tempo para usufruir da cidade, conhecer os pontos turísticos, ir à praia. Muitos não saem de casa para lugares distantes, pois têm medo da violência. As esposas de alunos da EsAO justificam que muitas vezes não saem da vila porque o marido precisa estudar. Em geral, nesses contatos preliminares, todas falam do quanto gostam da Vila pelo aspecto da segurança, mas todas também ressaltaram a precariedade do entorno.

É que o bairro é muito restrito para assumir a totalidade do desejo urbano; as comodidades que oferece também não conseguem atender a todo tipo de comportamento do consumidor. Tem portanto necessidade de outros lugares dos quais os usuários possam usufruir para enriquecer seu domínio do espaço urbano em geral (CERTEAU, 2013, p. 157).

Para além do espaço físico oferecido pelo bairro e pela cidade, as moradoras da Vila Militar encontram uma forma de ampliar as fronteiras desse espaço e criam várias formas de contatos virtuais pelas redes sociais. Na contemporaneidade, o espaço deixou de ser somente físico e alargou seus limites, alcançando dimensões diversas das preconizadas na modernidade. A rede mundial de computadores e o advento das redes sociais, fizeram com que a relação espaço-tempo se modificasse permitindo que as pessoas se encontrem de outras formas.

As comunidades virtuais figuram como espaço de sociabilidade em que as pessoas se coligam por perceber nos outros algum tipo de relação étnica, religiosa, ideológica, ou seja, por perceber identificações primárias

(CASTELLS, 2001). As relações que se estabelecem nesses espaços rompem com os obstáculos do espaço-tempo como é percebido no território concreto. Os territórios virtuais se apresentam com novos contornos, novas formas de produzir e de construir identidade (RANGEL; TONELLA, 2014).

Pessoas com interesses territoriais comuns se reúnem de forma virtual. Os residentes do território Vila Militar do Rio de Janeiro são indivíduos, que em sua maioria, não são naturais do Rio de Janeiro, não conhecem a região nem a cidade. Dessa forma, o espaço virtual permite inúmeras possibilidades. Funciona como ferramenta de divulgação das atividades laborais das esposas, das informações sobre o cotidiano da vila e de trocas sociais. Dessa forma, as comunidades virtuais permitem ecoar as vozes dissonantes da cultura hegemônica presente no território real.

O território virtual promove esse encontro entre os moradores, reflete e convida seus membros a intercâmbios e trocas no ambiente real. O que ocorre no espaço real promove movimento no espaço virtual e vice-versa (RANGEL; TONELLA, 2014).

As relações nesse espaço são ações sociais de territorialidade. Esses são os limites, não há fronteiras sólidas, localizáveis. Alguns membros até se conhecem, outros nunca tiveram contato presencial e mesmo assim essa relação cria novas realidades, novas referências. A *intercombinação* entre virtual e real possibilita muito mais que um meio de produzir e receber informação sobre os acontecimentos do território real. Abre caminho para uma manifestação das subjetividades dos atores sociais. Permite a expressão de opiniões, a visibilidade social, “não obedecem às regulamentações do tempo social da ação cotidiana, habitual, e nem ao tempo astronômico: dia, noite, perto ou longe” (RANGEL; TONELLA, 2014, p. 7).

Assim, a Vila Militar é um espaço urbano, perpassado por todas as questões que uma grande cidade enfrenta. As demandas de uma urbe se estruturando para receber grandes eventos e os desafios cotidianos com que os moradores e trabalhadores precisam conviver. As zonas de interseção que se estabelecem no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação com a vida real desses moradores demonstra ainda mais o que já foi discutido anteriormente: que as dimensões política, econômica, simbólica e cultural estão articuladas e conectadas ao todo circunvizinho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas reflexões sobre o território abrem possibilidades de discussão sobre o cotidiano e a história da ocupação do subúrbio carioca e permite pensar em modelos de pesquisa e análises interdisciplinares considerando a subjetividade dos moradores desse espaço, a história, as socialidades que atravessam a construção desses sujeitos e a ideologia que eles representam por meio de seus discursos e fazeres.

Além disso, as organizações e instituições são microculturas que possuem ritos, símbolos, heróis e linguagem própria. A vivência dentro dessa cultura influencia o modo de pensar e agir de seus membros. Analogamente, as instituições militares também figuram como microculturas, espectro da cultura brasileira. E assim, o processo de internalização dos símbolos e dos elementos organizacionais no Exército não ocorre somente com os seus agentes. Os filhos vivenciam e compartilham a vivência institucional, pois grande parte mora em vilas militares em que todos os vizinhos são colegas de trabalho do pai. Os eventos sociais envolvem a família, a rotina gira em torno das exigências profissionais. Esse grupo de famílias compartilha significados, produz memórias sociais e refere-se aos seus vizinhos como membros de uma só família.

Ademais, esse lugar é um território de encontro e reencontro. São os militares se reencontrando, após os anos de hiato entre a AMAN e a EsAO e as famílias que constantemente se reúnem, pois encontram umas nas outras a possibilidade de pertencer a uma família: a família militar.

Assim, preliminarmente, pode-se afirmar que a família militar, precisa da vila militar para se afirmar. É nesse espaço que os sujeitos, por meio do seu fazer histórico e social, materializam nas relações suas referências que refletem a ideologia institucional do Exército Brasileiro.

O processo de subjetivação das mulheres e seus filhos, de certa forma, é influenciado pela escolha profissional e pelo desenvolvimento da carreira dos maridos. Desta forma, o vínculo profissional do homem determina a construção da identidade da esposa, uma identidade construída socialmente e partilhada no território da vila militar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, M. (Org.) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 213-220.

BRIOCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. Família: reprodução e cotidiano. Reflexão sobre um trabalho de campo. **Textos CERU**, São Paulo, n1, p. 25-33, 1989.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CLAVAL, P. O Território na transição pós-modernidade. **GEOgraphia**, [Niterói], v. 1, n.2, 1999. 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/16/14>>. Acesso em: 20 fev. 2014

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA - EGAL, 10., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MAGALHÃES, J. B. **A evolução militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.

RANGEL, M. C; TONELLA, C. E- território: reflexões preliminares sobre redes sociais virtuais e mudanças territoriais. **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 95-109, 2014.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SOUSA FILHO, A. S. Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. **Sociabilidades**, São Paulo, v. 2, p. 129-134, 2002.

VIANA, C. G. de A. **Realengo e a Escola Militar: um estudo sobre memória e patrimônio urbano**. Rio de Janeiro: PPHBC Fundação Getúlio Vargas, 2002.

Indicação de Responsabilidade

O conceito de autoria adotado pela CMM está baseado na contribuição substancial de cada uma das pessoas listadas como autores, seguindo as categorias abaixo:

- (1) *Concepção e projeto ou análise e interpretação dos dados;*
 - (2) *Redação do manuscrito ou;*
 - (3) *Revisão crítica relevante do conteúdo intelectual.*
- Com base nestes critérios, a participação dos autores na elaboração deste manuscrito foi:*

*Werusca Marques Virote de Sousa Pinto - 1 e 2
Regina Glória Nunes Andrade - 3*

Recebido em 18 de junho de 2015

Aprovado em 13 de agosto de 2015